



## **ANÁLISE DA PREVALÊNCIA DA HANSENÍASE NO MUNICÍPIO DE SÃO LUÍS – MARANHÃO NOS ANOS DE 2017 A 2021**

*Vanessa Raquel Pereira Ribeiro<sup>1</sup>, Vanessa Estefany Mendes Lavra<sup>1</sup>, Vanessa Melo Carvalho<sup>1</sup>, Yasmin Lima de Assunção<sup>1</sup>, Wylley Azevedo Santos Júnior<sup>1</sup>, Larissa Vital Britto Vinhas<sup>1</sup>, Máisa Raquel Guimarães de Araujo<sup>1</sup>, Mayara Kelly Coelho Berrêdo Kelly<sup>1</sup>, Thalita Linda Alves Candeira<sup>2</sup>, Darlan Ferreira da Silva<sup>3</sup>, Dayana Dourado de Oliveira Costa<sup>4</sup>, Francisca Bruna Arruda Aragão<sup>5</sup>*

### ARTIGO ORIGINAL

#### **RESUMO**

O controle da hanseníase ainda é um grande desafio no Maranhão. Desse modo, a prevalência da doença implica em maior risco de transmissão e desenvolvimento de incapacidades físicas na população. Observa-se que é uma doença infectocontagiosa de progressão lenta, com alto poder incapacitante, que acomete predominantemente a faixa etária economicamente ativa. Além desse fator, a raça, escolaridade e o sexo também são variáveis que impactam nas taxas de incidência e prevalência da hanseníase no estado, em especial, no município de São Luís, na qual confere altos percentuais de notificações desse problema de saúde pública. Trata – se de um estudo retrospectivo, descritivo e analítico de dados contido na ficha de notificação do Sistema Nacional de Informações de Agravos de Notificações (SINAN) e no Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS). Espera-se, com esse trabalho, conscientizar os pacientes diagnosticados com hanseníase sobre a importância da assiduidade do tratamento, bem como promover ações multiprofissionais que amenizem essa problemática.

**Palavras-chave:** Hanseníase, Prevalência, Saúde pública.



## ANALYSIS OF THE PREVALENCE OF LEPROSY IN THE CITY OF SÃO LUÍS – MARANHÃO IN THE YEARS 2017 TO 2021

### ABSTRACT

Leprosy control is still a major challenge in Maranhão. Thus, the prevalence of the disease implies a greater risk of transmission and development of physical disabilities in the population. It is observed that it is an infectious and contagious disease of slow progression, with a high disabling power, which predominantly affects the economically active age group. In addition to this factor, race, education and gender are also variables that impact the incidence and prevalence rates of leprosy in the state, especially in the municipality of São Luís, which confers high percentages of notifications of this public health problem. This is a retrospective, descriptive and analytical study of data contained in the notification form of the National Information System for Notifications of Aggravation (SINAN) and the Department of Informatics of the Unified Health System (DATASUS). It is hoped, with this work, to make patients diagnosed with leprosy aware of the importance of assiduity in treatment, as well as to promote multidisciplinary actions that alleviate this problem.

**Keywords:** Leprosy; Prevalence, Public Health.

**Instituição afiliada** – <sup>1</sup>Acadêmica de Medicina pela Universidade Ceuma, São Luís, MA, Brasil. <sup>2</sup>Acadêmica de Medicina da Universidade Federal do Maranhão- UFMA, São Luís, MA, Brasil. <sup>3</sup>Doutorado em Química pela Universidade de São Paulo- USP, Brasil. Docente da Universidade Ceuma, São Luís, Brasil. <sup>4</sup>Doutora em Saúde Coletiva pela Universidade Federal do Maranhão- UFMA, São Luís, Brasil. Docente da Universidade Ceuma, São Luís, Brasil. <sup>5</sup>Doutora em Ciências pela Universidade de São Paulo-USP, Docente da Universidade Ceuma, São Luís, MA, Brasil.

**Dados da publicação:** Artigo recebido em 27 de Outubro e publicado em 12 de Dezembro de 2023.

**DOI:** <https://doi.org/10.36557/2674-8169.2023v5n5p4692-4702>

**Autor correspondente:** Vanessa Raquel Pereira Ribeiro [vannessaribeiro@outlook.com](mailto:vannessaribeiro@outlook.com)



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



## INTRODUÇÃO

A hanseníase é uma doença infectocontagiosa causada pelo *Mycobacterium leprae* que tem afinidade por células cutâneas e pelos nervos periféricos (FINEZ; SALOTTI, 2011). A doença tem um período de incubação muito longo, durando de 3 a 5 anos. Os sintomas e sinais manifestam-se por meio das lesões na pele com perda de sensibilidade, decorrente de processos inflamatórios. As neurites surgem de processo agudo, seguido de intensa dor e edema (LUNA et al.;2010).

Nos dias atuais, a doença tem tratamento e cura, graças às melhorias de condições de vida e ao avanço do conhecimento científico. O procedimento específico da pessoa com hanseníase, padronizada pela Organização Mundial de Saúde (OMS), é a poliquimioterapia (PQT). O tratamento mata o bacilo tornando-o inviável, evita a evolução da doença, prevenindo as incapacidades e deformidades causadas por ela, levando à cura. É administrada através de esquema padrão, de acordo com a classificação operacional do doente em Pauci ou Multibacilar.

Destaca-se nesse cenário a importância da atuação integrada da equipe multiprofissional, estando está capacitada no desenvolvimento de ações em saúde com o intuito de combater, tratar e controlar a Hanseníase, realizando holisticamente todo o acompanhamento do paciente de forma sistematizada e individual tendo em vista todo o processo de cura (COELHO; FEITOSA; FERREIRA; LIMA; OLIVEIRA, 2018).

O Informe Epidemiológico do Ministério da Saúde - MS afirma que o coeficiente de prevalência da hanseníase no Brasil é de 21,94 para 100.000 habitantes, demonstrando maior ocorrência de casos novos as regiões Norte e Centro-Oeste, seguidas da região Nordeste. Nesse contexto, o Maranhão ocupa o quarto lugar, em que são notificados aproximadamente 68 casos novos de hanseníase para 100.000 habitantes, segundo um estudo realizado entre os anos de 2001 e 2007.

A Hanseníase vem sendo tratada como um grave problema de saúde pública no Brasil, em especial o Maranhão, que mesmo desenvolvendo estratégias para sua eliminação, a realidade é distante até mesmo do controle. Por se tratar de uma doença incapacitante geradora de danos físicos, emocionais e socioeconômicos, há a necessidade de um estudo mais aprofundado no intuito de entender a seu mecanismo,



bem como intervir no ciclo levando à cura do quadro clínico (FREITAS *et al.*, 2018).

Sendo assim, objetivou-se identificar a prevalência de pacientes notificados com hanseníase no município de São Luís, Maranhão, durante o período de 2017 a 2021, tendo como base de estudo as variáveis epidemiológicas faixas etárias, sexo, escolaridade e classe ocupacional.

## **METODOLOGIA**

Trata-se de um estudo retrospectivo, com abordagem quantitativa, realizado no período de maio a junho de 2023, por meio de levantamento bibliográfico nas bases de dados do Sistema de Informação de Agravos e Notificação (SINAN). As variáveis epidemiológicas foram retiradas do Banco de Dados do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS), pela plataforma Tabnet, referente à prevalência hanseníase nos anos de 2017 a 2021.

A população do estudo foi dada por meio de dados de acesso público relacionados a prevalência da hanseníase. A amostra do estudo foi formada por 3.617 pacientes notificados com hanseníases no município de São Luís entre os anos de 2017 a 2021.

Os critérios de inclusão para participação da pesquisa foram: residir no município de São Luís, ter sido notificado com hanseníase no período estipulado, ter informações sobre a notificação disponível no DATASUS. Os critérios de exclusão foram: pacientes que não residem em São Luís, fichas com dados incompletos e as subnotificações.

A coleta de dados foi feita utilizando dados de acesso público disponibilizados pelo DATASUS, no mês de maio de 2023. Utilizou-se um formulário próprio da base de dados do Sistema de Informação de Agravos e Notificação (SINAN) contendo as seguintes variáveis de estudo: sexo, escolaridade, raça, faixa etária e classe operacional.

Os dados coletados foram colocados na forma de tabelas e gráficos elaborados por meio do Microsoft Excel, versão 2021. O tratamento de dados foi feito por análise estatística descritiva, em que foram analisadas todas as variáveis de forma independente.

O estudo foi feito com base em dados secundários de domínio público e

respeitando os preceitos éticos do Conselho Nacional de Saúde (CNS), não sendo necessária aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

## RESULTADOS

Por meio da análise proposta pelo estudo, foram notificados 3.617 casos correspondentes aos anos de 2017, 2018, 2019, 2020 e 2021, no município de São Luís.

A Figura 1 representa a distribuição de casos notificados a cada ano, no período estipulado, mostrando que em 2017 foram registrados 807 casos (22,3%); em 2018 registrou-se 868 casos (23,9%); em 2019, 886 casos (24,4%), sendo o ano com maior prevalência registrada; em 2020 foram registrados 538 casos (14,8%), e em 2021, 518 casos (14,3%). Dessa forma, nota-se uma redução na quantidade de casos notificados nos últimos anos.

**Figura 1:** Frequência por ano de diagnóstico de hanseníase em São Luís (MA), 2017-2021.



**Fonte:** Autoria própria, 2023.

No ano de 2020, foram notificados pela Organização Mundial da Saúde (OMS) 127.396 casos novos de Hanseníase no mundo, desse total 15,1% ocorreram na região da América, tendo o Brasil como o país com o maior número de casos notificados. Nesse cenário, o Brasil chega a ocupar o segundo lugar entre os países com maior número de incidência e prevalência da doença, ficando atrás apenas da Índia (OMS, 2021). Quando analisamos o panorama geral da doença no Brasil, identificamos o estado do Maranhão,

com enfoque no município de São Luís, uma alta taxa de casos notificados quando comparado com outros estados da mesma região, como o Piauí (BRASIL, 2019). Isso é representado na tabela através de uma escala de notificações de casos dos anos de 2017 a 2021, que mesmo com a diminuição dos casos da doença ainda apresenta um risco endêmico para a região.

Com relação ao perfil sociodemográfico da amostra estudada, conforme a Tabela 1 nota-se que entre os anos de 2017 e 2021, a prevalência maior foi do sexo masculino, com 54,9%. Dentre os anos estudados, 70% dos casos notificados (n=2556) eram da raça parda, em 2017, 595 caos (23,5%), em 2018, 613 casos registrados (23,9%), em 2019, um total de 597 casos (23,3%), em 2020, 394 casos foram evidenciados (15%) e 357 casos (13%) em 2021.

Os pacientes no ensino médio completo em 2017 representaram 215 casos (21,2%); em 2018 permaneceram 215 casos (21,2%); em 2019 tiveram 254 casos (25%); em 2020 foram 185 (18,5%); e em 2021 casos, 144 casos registrados (14,2%). Totalizando 1013 casos durante esses anos.

Por fim, a faixa etária com maior prevalência foi de 30 a 39 anos, representando 18,6% dos casos (n=673), sendo 136 casos em 2017, 172 casos em 2018, 166 casos em 2019, 111 casos em 2020 e 88 casos em 2021.

**Tabela 1:** Perfil sociodemográfico dos pacientes notificados com hanseníase durante 2017-2021. São Luís, MA.

Variável	2017	2018	2019	2020	2021	Total
<b>Sexo</b>						
Masculino	418	458	479	322	312	1.989
Feminino	373	394	413	229	219	1.628
<b>Raça/ Cor</b>						
Ign/Branco	1	1	3	3	1	9
Branca	64	101	126	58	53	402
Preta	122	131	155	94	114	616
Amarela	8	5	10	-	5	28
Parda	595	613	597	394	357	2.556
Indígena	1	1	1	2	1	6
<b>Escolaridade</b>						
Ign/Branco	20	17	11	13	8	69
Analfabeto	60	72	66	36	42	276
1ª a 4ª série incompleta do EF	109	146	104	68	71	498
4ª série completa do EF	38	29	42	32	26	167



ANÁLISE DA PREVALÊNCIA DA HANSENÍASE NO MUNICÍPIO DE SÃO LUÍS – MARANHÃO  
NOS ANOS DE 2017 A 2021

Ribeiro *et. al.*

5ª a 8ª série incompleta do EF	128	155	157	75	105	620
Ensino fundamental completo	89	74	84	44	48	339
Ensino médio incompleto	72	61	86	35	42	296
Ensino médio completo	215	215	254	185	144	1.013
Educação superior incompleta	18	26	28	21	9	102
Educação superior completa	27	46	51	37	31	192
Não se aplica	15	11	9	5	5	45
<b>Faixa Etária</b>						
1 a 4 anos	2	5	2	2	5	16
5 a 9 anos	29	28	24	12	7	100
10 a 14 anos	34	40	52	26	11	163
15 a 19 anos	36	47	56	19	25	183
20 a 29 anos	114	94	112	80	66	466
30 a 39 anos	136	172	166	111	88	673
40 a 49 anos	126	129	165	106	107	633
50 a 59 anos	118	145	134	85	88	570
60 a 69 anos	106	111	120	68	74	479
70 a 79 anos	62	61	47	27	45	242
80 anos e mais	28	20	14	15	15	92

**Fonte:** Ministério da Saúde/SVS - Sistema de Informação de Agravos de Notificação – Sinan Net.

Dos pacientes em estudo do município de São Luís, conforme o apresentado na tabela 2, a maior parte de indivíduos diagnosticados com Hanseníase foi do sexo masculino. Esse mesmo resultado foi observado em estudo realizado no mesmo período e em outros municípios de outras regiões do país e foi constatada, na grande maioria, uma maior proporção de casos atribuída ao sexo masculino (Ministério da Saúde, 2019). Esse dado pode estar relacionado ao fator de que os homens não procuram com muita frequência os serviços de saúde e cuidam menos da saúde que as mulheres (CARMO FILHO *et al.*;2019). A distribuição de casos da doença de acordo com a raça evidenciou que indivíduos pardos possuem uma proporção mais elevada de diagnóstico, dado que também pode ser observado no panorama geral da doença nas diversas regiões do país (SINAN, 2019).

Na variável escolaridade, há um predomínio de casos de Hanseníase em indivíduos com ensino médio completo, o que configura uma realidade diferente das demais regiões e municípios do Brasil, na qual a maior frequência da doença está em indivíduos com baixa escolaridade, tendo esse fator como o principal problema no entendimento da linguagem utilizada pelos profissionais de saúde, levando o

comprometimento do tratamento efetivo da doença (NEVES; ROLLA; SOUZA, 2010). A faixa etária variou entre indivíduos desde 1 ano até mais de 80 anos. Foi possível observar que a maior quantidade de indivíduos diagnosticados com a doença está inserida dentro da categoria de população economicamente ativa (PEA) do país, o que gera um problema, pois a Hanseníase é uma doença que, em sua grande maioria, pode ocasionar incapacidades e afastar os pacientes de suas atividades trabalhistas. Além disso, é um fator que pode interferir no tratamento da doença, dificultando o comparecimento as unidades de saúde para realização das consultas e recebimento da medicação que ocorrem em horários concomitantes aos horários de trabalho do indivíduo (AYRES; DUARTE; SIMONETTI, 2007). Esse cenário só confirma a Hanseníase como um problema de saúde pública no Brasil (FIOCRUZ, 2019).

Quanto à forma clínica, segundo a Tabela 2, observa-se uma prevalência de pacientes classificados como dimorfa, sendo 61,5% dos casos (n=2.227). Quanto a classe operacional, fora registrado 3.134 casos entre os anos de 2017 e 2021, sendo 2019 o ano de maior notificação (24,5%).

**Tabela 2:** Perfil clínico das incidências em São Luís (MA) no período de 2017 a 2021.

Variável	2017	2018	2019	2020	2021	Total
<b>Classe operacional</b>						
Paucibacilar	136	132	122	47	46	483
Multibacilar	655	720	770	504	485	3.134
<b>Forma Clínica</b>						
Indeterminada	38	34	33	17	17	139
Tuberculóide	104	105	93	37	35	374
Dimorfa	483	552	547	341	304	2.227
Virchowiana	132	152	171	123	134	712
Não classificada	34	9	48	33	41	165

**Fonte:** Ministério da Saúde/SVS - Sistema de Informação de Agravos de Notificação - Sinan Net.

De acordo com dados coletados, a proporção de casos de acordo com a classificação operacional da doença apresenta um número consideravelmente maior de casos multibacilares e portadores da forma clínica dimorfa. Ambas são as formas da hanseníase que mais apresentam danos e incapacidades ao paciente portador da doença, além de apresentar dificuldades no tratamento, levando ao abandono, e aumentando a cadeia de transmissão da doença (NEVES; ROLLA; SOUZA, 2010)





(Ministério da Saúde, 2019).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir do estudo realizado, constatou-se que houve um aumento nas taxas de incidência e prevalência dos anos de 2017 a 2021, no município de São Luís, Maranhão. Com isso, demonstrou-se que os indivíduos diagnosticados com hanseníase são pacientes, em sua grande maioria, do sexo masculino, com baixa escolaridade, de raça parda e que fazem parte da população economicamente ativa (PEA).

Desse modo, é importante ressaltar que os portadores de hanseníase inseridos na classe trabalhadora, apresentam dificuldades de comparecer as Unidades Básicas de Saúde para realizar o tratamento, refletindo de forma negativa na configuração atual da doença na cidade ludovicense. Ademais, a forma clínica dimorfa é mais prevalente dentre os tipos, e a forma multibacilar é a classe operacional mais frequente da hanseníase, tendo a poliquimioterapia (PQT) como a principal método terapêutico da doença. Assim, é fundamental a criação de políticas de saúde intervencionistas que visam estimular essa população a buscar tratamento.

Logo, constatou-se que a variável baixa escolaridade foi um fator de alta relevância no predomínio de pacientes diagnosticados com a hanseníase. Isto está relacionado à dificuldade de compreender as formas de tratamento prescritas pelas equipes multiprofissionais de saúde. Portanto, é essencial que a linguagem utilizada pelos profissionais seja mais acessível e compreensível para facilitar a adesão ao tratamento.

## **REFERÊNCIAS**

Alexandre ARS, Corrêa RGCF, Caldas AJM, Aquino DMC. Abandono de tratamento no programa de controle da hanseníase de um hospital universitário em São Luís - Maranhão. Rev Hosp Univ UFMA. 2009.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Coordenação-Geral de Desenvolvimento da Epidemiologia em Saúde. Guia de Vigilância em Saúde. Volume único. 4. ed. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2019. 725 p. Capítulo 5



- Duarte MTC, Ayres JA, Simonetti JP. Perfil Socioeconômico e Demográfico de Portadores de Hanseníase Atendidos em Consulta de Enfermagem. *RevLatAm Enfermagem*. 2007.
- Finez MA, Salotti SRA. Identificação do grau de incapacidades em pacientes portadores de hanseníase através da avaliação neurológica simplificada. *J Health Sci Inst*. 2011.
- Freitas TS. Neuromodulação do sistema nervoso periférico para tratamento da dor neuropática na mononeuropatia hansênica: seguimento em um ano. Tese (Doutorado em Ciências da Saúde) – Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade de Brasília, 2018.
- Lima WS, Coelho AM, Ferreira MA, Feitosa ALS, Oliveira RR. A importância da atuação da equipe multiprofissional para a prevenção das incapacidades físicas decorrentes da hanseníase: um relato de experiência. In: *Anais do III CONBRACIS*. Campina Grande: Realize Editora, 2018.
- Luna IT, Beserra EP, Alves MDS, Pinheiro PNC. Adesão ao tratamento da Hanseníase: dificuldades inerentes aos portadores. *RevBrasEnferm*. 2010.
- Neves SC, Rolla VC, Souza CTV. Educação em saúde: uma estratégia para minimizar o abandono do tratamento da tuberculose em pacientes do Instituto de Pesquisa Clínica Evandro Chagas/FIO CRUZ. *Rempec*. 2010.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Global leprosy update, 2020: impact of COVID-19 on global leprosy control., 2021.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Estratégia Global para a Hanseníase 2021-2030: Rumo à zero hanseníase, 2021.